

ASPECTOS NÃO-VERBAIS DA DINÂMICA INTERACIONAL

A entrevista de televisão

Maria Eulália Sobral Toscano
Universidade Federal do Pará

RESUMO

Este trabalho investiga alguns dos elementos não-verbais que promovem o gerenciamento da palavra e sinalizam alinhamentos e enquadres interativos. Neste jogo com a linguagem, os locutores negociam tanto papéis interacionais quanto cenas enunciativas, formam e rompem coalizões e estabelecem relações intersubjetivas que lhes definem as identidades circunstanciais. É um estudo de base empírico-indutiva que privilegia a análise qualitativa de realizações ocorridas em situações de uso da língua, a partir dos pressupostos teóricos da Análise da Conversação e da Sociolinguística Interacional.

PALAVRAS-CHAVE: Elementos não-verbais; espaço conversacional; estrutura de participação.

ABSTRACT

This paper investigates some of the nonverbal elements that promote the management of conversational floor and signal footings and interactive frames. In this game with language, the locutors negotiate interactional roles as well as enunciative scenes, they form and break coalitions and establish intersubjective relationships that define their circumstantial identities. It is a study that privileges the qualitative analysis of occurrences in situations of language use under the assumptions of Conversational Analysis and Interactional Sociolinguistics.

KEY WORDS: Nonverbal elements; conversational floor; participation framework.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A estrutura de participação de entrevistas televisivas é bastante complexa, de uma feita que fazem parte da cena enunciativa entidades (equipe de produção, platéia "ao vivo", telespectadores, por exemplo) cuja manifestação pode ou não ser requerida durante a realização do programa. Há igualmente a emergência de vários enquadres interativos, decorrentes da maneira como os participantes se comportam e negociam as relações intersubjetivas ao longo do encontro. Esses enquadres, sinalizados por pistas (verbais e/ou não verbais), indicam a direção do sentido das mensagens e os alinhamentos que os participantes assumem para si mesmos e para os outros, expressos na forma como conduzem a produção ou a recepção dos enunciados (Goffman, 1979, p. 5).

Quando o número de membros oficiais à situação social excede a dois, há geralmente a formação de grupos, instáveis e emergentes, que variam quanto à estrutura de participação. Acontece freqüentemente de ocorrer a alternância de esquemas participativos (díades, tríades), instituídos por meio de estratégias discursivas de delegação ou ocupação (gerenciamento) do espaço conversacional. Nessas ocasiões, o status de participação dos sujeitos da situação é normalmente sinalizado pela relevância dos objetos de discurso, que lhes incitam a manifestação, seja por dizerem-lhes respeito, seja por serem-lhes de interesse, ou os mantêm em silêncio, porém, em estado permanente de conversa (Goffman, 1979, p. 7).

2 OBJETIVO E CORPUS DA PESQUISA

Interessa a esta pesquisa observar a dinâmica interacional de uma entrevista de televisão, mais particularmente um *talk show* (Programa do Jô), com o objetivo de investigar as laminações que se operam na estrutura de participação e o papel que desempenham certos elementos não-verbais no processo de gestão da palavra e de negociação/constituição dos papéis interacionais.

A entrevista selecionada para análise foi realizada em 16 de abril de 2001. Os entrevistados são Luciano Huck, apresentador de televisão, e Rogério Seni, goleiro do São Paulo à época. O tom da entrevista (sério, jocoso, polêmico, etc.) é orquestrado pelo entrevistador, que, no mais das vezes, simula uma conversa informal, a exemplo de um bate-papo entre amigos, cuja função é informar entretendo.

A transcrição desse material obedeceu às normas estabelecidas pelo Projeto NURC/SP, em Castilho e Preti (1987). As configurações proxêmicas, cinésicas e de postura, objeto de estudo, foram registradas em itálico, entre parênteses duplos, antes do enunciado que elas enquadram.

A análise leva em conta a natureza da situação enunciativa, os objetivos do encontro/dos participantes, e os conhecimentos partilhados pelos interactantes, principalmente, o pressuposto de que se trata de um programa de entretenimento.

3 A ESTRUTURA DE PARTICIPAÇÃO

As entrevistas de televisão caracterizam-se, no geral, por serem encontros assimétricos, com relações diferenciadas de poder. A pessoa entrevistada é, a princípio, o centro das atenções e permanece, ou, pelo menos, deveria permanecer mais tempo com a palavra. Entretanto, é o entrevistador quem lhe concede ou cerceia esse direito à voz assim como é ele quem decide sobre os tópicos, o tom da entrevista e sua forma de condução. Essas posições institucionalizadas, embora preexistam à interação, podem, contudo, sofrer modificações no decurso do encontro, uma vez que papéis interacionais e relações interpessoais constituem objeto de freqüentes negociações por parte dos participantes da situação social.

A estrutura de participação desses programas é bastante complexa, pois, a par de entrevistador e entrevistado(s), há também a audiência (o telespectador e, em alguns programas, uma platéia "ao vivo", como é o caso do Programa do Jô)

para a qual a conversa está sendo representada e dirigida, o que exige dos participantes, especialmente do entrevistador, que se projetem ora para o telespectador ora para a platéia “ao vivo”, movimentos em que a musicalidade da linguagem nos ilude, fazendo-nos pensar que a entidade receptora é a mesma (Goffman, 1979, p. 12-13).

Essa platéia “ao vivo”, ainda que oficial ao encontro, não tem direito à voz; suas manifestações (aplausos, risos) são incitadas e monitoradas pelo apresentador do programa, que lhes determina inclusive a duração. Em alguns momentos, entretanto, pode ser requerida a participação de elementos da platéia — breves trocas verbais ou desempenho de tarefas que lhes suspendem temporariamente o alinhamento anterior, porquanto, de espectadores, esses indivíduos passam a protagonistas das novas cenas enunciativas que se constróem.

As laminações não param por aí, de uma feita que a fala pode também ser endereçada à equipe de produção e a assistentes de palco. Nas ocasiões em que há a exibição de *tapes* durante a entrevista, como foi o caso da entrevista objeto deste estudo, os desdobramentos na estrutura de participação tornam-se mais sutis e refinados, principalmente, se o apresentador do programa estiver no *tape*, dirigindo-se a todos os que lhe assistem, inclusive a ele mesmo. Durante a exibição do vídeo, o entrevistador pode falar com a produção a respeito de questões de ordem técnica, comentar para a audiência (platéia “ao vivo” e telespectadores) o vídeo em exibição, e ainda entrevistar, durante a projeção, os participantes do encontro que assistem com ele ao vídeo. Essas são algumas das inúmeras transformações a que estão sujeitas as estruturas de participação nas entrevistas televisivas.

4 A CONDUÇÃO DA INTERAÇÃO: AS AÇÕES NÃO-VERBAIS

A distribuição da vez nesses encontros é operacionalizada por meio de elementos verbais e não-verbais que, em conjunto,

sinalizam o endereçamento da fala e contribuem para a constituição de diversos papéis interacionais. Destacam-se, a seguir, alguns dos elementos não-verbais que concorrem quer para a gestão da palavra quer para a instituição dos alinhamentos e enquadres interativos operados durante a situação enunciativa.

a) A configuração espacial

Os programas de entrevista dispõem, normalmente, o entrevistado próximo do entrevistador. Quando há mais de um entrevistado, o entrevistado do momento é sinalizado pela atenção que lhe dispensam os participantes do encontro (olhar, inclinação do dorso em direção ao entrevistado, toque, etc.).

No caso do Programa do Jô, cada entrevista normalmente ocupa um bloco do programa, que é delimitado pelos comerciais. Uma única entrevista pode, no entanto, ocupar mais de um bloco. No início do programa, o apresentador informa sobre o que cada entrevistado falará e chama, cada um a seu tempo, para assumir a vez no palco. Na entrevista analisada, Jô Soares convida o primeiro entrevistado, Luciano Huck, para sentar-se ao lado dele, e, em seguida, convida o outro entrevistado, Rogério Seni, que se coloca ao lado de Luciano, distante do apresentador, portanto. Os dois entrevistados parecem constituir assim uma dupla, anunciados dessa forma pelo próprio entrevistador, conforme pode ser verificado no fragmento (1).

(1)

Jô: vem pra cá também Rogério... **vamos fazer uma coisa dupla...** a gente vendo juntos é que:: são são bem diferentes só...

Porém, o andamento do programa mostra que, à exceção de algumas raras ocasiões, os dois entrevistados não formam de fato uma dupla, conforme definida por Marcoccia (1995, p.81), como duo de artistas, casal (marido e mulher), irmãos, em que os membros do par são tomados como uma

única entidade e não, separadamente. Mesmo que anuncie a dupla, o entrevistador considera cada convidado na sua individualidade e assim organiza a interação: duas partes do programa são reservadas às entrevistas, a distância que cada entrevistado mantém do entrevistador sinaliza quem é o entrevistado do momento, e os tópicos são selecionados em função da história de vida de cada convidado. Enfim, embora haja dois entrevistados na cena enunciativa, fica claro que eles não formam uma dupla, tanto, que, quando Jô Soares chama a vinheta que encerra a primeira parte do programa, ele muda os entrevistados de lugar.

(2)

Jô: olha só... eu vou tá eu vou chamar a vinheta **depois vocês trocam de lugar**... vamos botar o Rogério o Luciano fica do lado de lá tá? pra gente seguir esse papo... vinheta solta

Essa reorganização da disposição dos sujeitos na cena enunciativa indica quem será doravante o foco das questões (o entrevistado sentado ao lado do apresentador), o que não impede, no entanto, as manifestações do outro — normalmente observações, em tom de brincadeira, sobre o tópico em andamento.

Nas raras ocasiões em que os participantes se aliam e funcionam como uma dupla, eles se manifestam em coro, de forma individual e em seqüência, numa enunciação co-construída,

(3)

((Jô se dirige a Luciano que está sentado a seu lado))

Jô: olha só... você já entrou ele já deu autógrafos no teu lugar você já entrou no campo no lugar do Rogério?

Lu: já

Jô: quando?

Lu: **era... São Paulo e Santos no Morumbi**

Ro: **é um jogo**

Lu: **num domingo de manhã**

Ro: **num jogo do campeonato paulista acho que... de 98**

ou por intermédio de um porta-voz do grupo, função que pode ser aceita ou rechaçada pelo outro.

(4)

((Jô dirigindo-se aos dois entrevistados))

Jô: a dupla é imperdível

Lu: ((*Rogério coloca a mão na perna de Luciano, repousa o braço.*

em cima do ombro de Luciano e abraça-o)) **obrigado**

A aceitação do papel de porta-voz, desempenhado por um dos membros do grupo, pode ser marcada verbalmente, por meio de expressões de concordância, e/ou não-verbalmente por meio, por exemplo, do silêncio (“quem cala, consente”), ou do toque (demonstrações de solidariedade, de acordo). No caso do fragmento (4), os gestos de Rogério demonstram sua aquiescência em relação à manifestação do parceiro e evidenciam os vínculos que os unem.

Enfim, no caso específico desta entrevista, o espaço (proximidade ou distância) entre os participantes constitui uma das formas de se indicar o entrevistado privilegiado e está intimamente relacionado com a ocorrência de outros elementos, como, por exemplo, o toque, que se configura na proximidade total.

b) *O toque*

Como a proximidade favorece o toque, o entrevistador pode, ao se dirigir àquele que lhe está próximo, tocá-lo. O toque depende, no entanto, da natureza da entrevista e da atmosfera que o entrevistador quer lhe dar, posto que esse gesto sugere intimidade e envolvimento. Essa ação não-verbal pode reforçar a palavra nos momentos, por exemplo, de endereçamento verbal, em que o locutor nomeia e toca aquele a quem se dirige, ou pode substituir a palavra nas ocasiões, por exemplo, em que se quer evitar o assalto ao turno.

Na entrevista analisada, é recorrente o uso do toque

tanto para evitar intromissões indevidas no turno daquele que tem a vez quanto para promover assaltos ao turno do falante corrente, o que demonstra que não há uma relação biunívoca entre estratégia discursiva e função interativa. Em assim sendo, entrevistado e entrevistador se valem do toque para continuar com a palavra (quando, ao sentir que o outro vai lhe tomar o turno, o locutor corrente repousa a mão sobre o braço do interlocutor, aperta-o ao mesmo tempo em que aumenta o volume da voz) e para tomar a vez na interação (lembremo-nos do tão freqüente enunciado de Jô Soares “não querendo te interromper, mas já te interrompendo”, acompanhado da colocação da mão do entrevistador sobre o entrevistado, uma infração conversacional explicitada verbalmente pelo enunciado metacomunicacional¹ e, não-verbalmente pelo toque).

c) A postura

O interlocutor pretendido pode ser indicado pelo nome, especialmente quando ele se encontra distante do entrevistador. Nesse caso, o entrevistador normalmente projeta seu corpo em direção a quem se endereça e lhe dirige o olhar, numa orientação que ratifica o ato verbal. O direcionamento do olhar e a alteração na postura podem ocorrer concomitantemente ou não ao endereçamento verbal. Em (5), há simultaneidade entre as ações verbais e não-verbais.

(5)

Jô: ((*Jô projeta o dorso para frente, para que possa ver Rogério, inclina a cabeça na direção do entrevistado, e fita-lhe o olhar enquanto fala*)) eu quero saber o seguinte... **Rogério** você já deu autógrafos como se fosse o Luciano?

A orientação do corpo do entrevistador em direção ao entrevistado, encurtando a distância entre eles, acompanhada

¹Os enunciados metacomunicacionais regulam a interação, a forma da troca e as relações entre os locutores (Gaulmyn, 1987).

da diminuição no volume da voz, e, às vezes, da mão erguida à altura da boca, em posição vertical e dedos unidos (“que ninguém nos ouça”, “só entre nós”), simula trocas confidenciais e relações interpessoais íntimas. A encenação dessas trocas de segredos faz parecer como “ouvintes por acaso” todos os até então participantes oficiais do encontro, e produz um efeito de sentido de relações estreitas e cúmplices, numa simulação da exclusão dos demais, para os quais, na realidade, a representação está sendo feita.

A postura que o corpo assume está intimamente relacionada às atividades de fala e à situação social que abriga essas atividades, concorrendo para a criação de uma atmosfera de intimidade, distanciamento, concordância, beligerância entre os participantes². Alterações na postura podem sinalizar mudança de enquadre e de alinhamento, a exemplo do que ocorre no fragmento (6).

(6)

((os entrevistados conversam entre si, entreolhando-se e sinalizando

a diferença de altura entre eles com gestos da mão))

Ro: e você pegar três ou quatro centímetros

Lu: a diferença é só vinte trinta centímetros

((Rogério fica em pé, e Luciano sobe no sofá))

Jô: ((*Jô dirige-se à câmera, recosta-se na cadeira e modula a voz*))

num dá pra notar... ((a platéia ri)) ((*Jô retesa o corpo e*

aproxima-se de Luciano, repousa sua mão sobre o braço deste

e dirige-lhe o olhar)) **você jogou com/ você jogou com o Schumacker...**

((*Jô orienta seu corpo em direção ao entrevistado que está sentado*

mais distante (Rogério), dirigindo-lhe o olhar))

Rogério estava nesse jogo não?

² Cf. Steinberg, 1988.

Ro: não

Lu: foi o beneficente da:: da:: aqui da:: criança
esperança... jogou Schumacker com Zico com
Ronaldinho

Nesse trecho, o apresentador do programa funciona, em um primeiro momento, como observador da conversa (não se manifesta, apenas observa a conversa que se desenrola a seu lado); em seguida, como humorista, tendo como coadjuvantes os entrevistados; e, finalmente, como entrevistador. O papel de humorista, enquadre da piada, é sinalizado pelo direcionamento do olhar para a audiência, pela inflexão da voz, por uma enunciação acompanhada de trejeitos e expressões faciais engraçados, e pela inclinação do corpo para trás. A inclinação do corpo para frente em direção ao(s) interlocutor(es) indica o retorno ao enquadre da entrevista. Nesse caso, a mudança de postura, o direcionamento do olhar e os gestos delimitam as atividades de fala e marcam as identidades circunstanciais dos participantes da interação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou tecer algumas considerações acerca da complexidade que envolve a estrutura de participação em entrevistas televisivas. Destacou algumas das laminações a que essas estruturas estão sujeitas, relacionando-as às transformações que se operam nos alinhamentos dos participantes em consequência de mudanças nos enquadres interativos. Pontuou que essas mudanças são sinalizadas por elementos verbais e não-verbais, que, em conjunto, indicam o que está acontecendo na interação e orientam os participantes no fluxo dinâmico da situação social. Analisou um *talk show* em função da natureza, do objetivo e grau de formalidade/informalidade do encontro, dos propósitos dos interactantes, das relações intersubjetivas e dos conhecimentos partilhados pelos participantes da interação.

As especificidades da situação enunciativa explicam as representações aqui observadas – uma parceria (que não significa concordância ou discordância de pontos de vista) se instaura entre entrevistador e entrevistados para o entretenimento da audiência -, e apontam para a necessidade de se investigar a interação verbal em função da situação social da qual ela é parte e de se levar em conta, nessa investigação, a emergência de ações verbais e não-verbais que orientam a produção e recepção dos enunciados.

REFERÊNCIAS

- CASTILHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: Diálogo entre dois informantes*. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987. v.2
- GAULMYN, Marie-Madeleine. Actes de reformulation et processus de reformulation. In: BANGE, Pierre (Ed.). *L'analyse des interactions verbales. La Dame de Caluire: une consultation*. Berne: Peter Lang, 1987. p.83-98.
- GOFFMAN, Erving. Footing. *Semiótica*, v.25, n.1/2, p.1-29, 1979.
- MARCOCCIA, Michel. (1995). Les interviews de couple: Réflexions sur le rôle de porte-parole. In: KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine; PLANTIN, Christian (Orgs.). *Le trilogue*. Lyon: Université Lyon 2, 1995. p.80-107.
- STEINBERG, Martha. *Os elementos não-verbais da conversação*. São Paulo: Atual, 1988.